

A ESFERA DO TRABALHO CLÍNICO ENTRE OS GÊNEROS DA ATIVIDADE E DO DISCURSO¹⁷

Marcos Antonio Moura Vieira (UFMT)*

RESUMO: Estudamos a esfera de atividade clínica de infectologistas com pacientes de AIDS, baseados na concepção bakhtiniana do dialogismo. Observamos a circulação temática em três feixes de trocas dialógicas: conversas entre médico e paciente em consulta; reflexões de médicos e de pacientes sobre a atividade de consulta e escritos do/no e sobre o trabalho clínico. Articulando os textos confrontamos enunciado concreto e representação discursiva, caracterizando a *autoconfrontação enunciativo-discursiva*, um dispositivo metodológico que mobiliza o diálogo de fragmentos da situação estudada refletindo e refratando a mobilidade do sentido. Desenhamos dois temas da atividade: a facilidade *genérica* de tratar a doença AIDS e a dificuldade localizada de dialogar com o paciente “aidético”. Percebemos que a divergência entre ação e representação, polarizadas entre o gênero da atividade e o gênero do discurso, não impedia a progressão da atividade concreta. Pela retomada do sentido nos materiais da análise, entendemos que a polifonia atualiza-se na experiência dialógica de reformulação das ações do coletivo e reformula o gênero discursivo da consulta.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero da atividade; gênero do discurso; discurso médico, clínica da atividade.

ABSTRACT: We have studied the sphere of clinical activity between infectology specialists and AIDS patients, based on the Bakhtian conception of dialogism. We followed the thematic circulation between undertaking the activity and talking about it in three levels of material production: the physician-patient dialogue during consultation, the physician and patient reflection about consultation and the writings relating to clinical work. Articulating the texts, we confront concrete utterances and

discursive representations and characterizes *enunciative-discursive autoconfrontation*, a methodological instrument that mobilises the dialogue of speech fragments in the studied situation reflecting and refracting the mobility of sense. We have articulated two themes of the activity: the generic ease of treating Aids disease and the difficulty of dialogue with the Aids patient. We noticed that the divergence between action and representation, polarized between the genre of the activity and the discourse genre, did not stop the progression of the concrete activity. Resuming the meanings in the data analysis, we understand that that polyphony realizes in the dialogic experience of reformulation of collective actions and reformulates the discursive genre of consultation.

KEYWORDS: genre of the activity, discourse genre, medical discourse, clinical work of the activity.

1. Introdução

As esferas da atividade humana são consideradas, nas reflexões do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev, como a arena privilegiada para o estudo dos gêneros do discurso. Nesse sentido, abordar uma atividade, tal como a clínica médica, pressupõe um estudo das formas de enunciação que a caracterizam na sua prática cotidiana. Tal foi o desafio com o qual nos deparamos, em meados da década dos 90 do século XX, quando chamados a refletir sobre as dificuldades de diálogo entre infectologistas e pacientes soropositivos para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e doentes da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Para contribuir com o entendimento dos problemas do cotidiano do trabalho, foi preciso observar, descrever e compreender as características da esfera de atividade dos infectologistas nas suas correlações com o gênero do discurso que se podia mobilizar nessa situação específica.

Em linhas gerais, observamos que a esfera da atividade podia ser visualizada em duas vertentes. Na primeira, da representação, a consulta era dita nas falas dos médicos, como uma atividade difícil de ser vivenciada, mas tecnicamente fácil de ser realizada, contrariamente aos ditos dos pacientes, que a consideravam uma situação extremamente difícil de submeterem-

se, sob a maioria dos aspectos clínicos. Na segunda vertente, da ação clínica propriamente dita, os médicos examinavam invasivamente e prescreviam medicações à revelia de atitudes corporais e não-verbais nas quais os pacientes lhes indicavam seu desconforto e desautorização.

Antes de examinar como essa aparente dicotomia vai revelar-se bem mais complexa quando buscamos apreender qual(is) gênero(s) do discurso permitia(m) a circulação temática da facilidade de tratar a AIDS e da dificuldade de realizar a consulta, passaremos a refletir mais estreitamente como conceber à noção de gênero na situação específica do estudo dos textos advindos de uma atividade concreta¹⁸. Vamos fazê-lo sem perder de vista que, na atividade em questão, existe um repertório de modos de dizer contraposto a um inventário de modos de fazer, verbalmente diferentes entre si, mas associados (numa cadeia de continuidade discursiva) no engajamento real entre médicos e pacientes no decorrer do tratamento.

2. O gênero entre a atividade e o discurso

Dentre as várias possibilidades de compreensão da palavra *gênero*, a característica classificadora se destaca fortemente. Desde o gênero que se refere a sexo – masculino, feminino ... – passando pela tipologia de texto – gênero novela, conto, ensaio, tese ... – toda uma gama de possibilidades se atualiza em uma supra categoria englobante: os gêneros do discurso. Mas observamos que há uma expressão cotidiana que, ao utilizar a palavra gênero diretamente correlacionada ao comportamento de uma pessoa: *fazendo gênero* (- ele está fazendo gênero; - ela fez gênero), quase escapa de uma conceituação situada no “sistema referencial” (da sexualidade, da literatura, da lingüística). Dizemos “quase” pois, se contextualizamos o uso dessa expressão, percebemos que os participantes do diálogo sabem localizar, no plano da esfera da atividade, o estado de gênero ao qual estão se referindo. Este estado genérico pode ser percebido quando associado à situação de fazer resistência a agir da forma “adequada” a uma situação que esta em pauta no plano social.

No nosso entendimento o estado de gênero pode ser compreendido como uma espécie de suspensão de um modo de agir que está disponível na esfera social de tal forma saturado de significação que não é necessário que se lhe atribua sentido. Esse concentrado encontra uma funcionalidade quando, em uma conversação, se confunde com um tema que, por sua vez, só poderá ser compreendido no movimento dialógico de uma interação (diálogo). Chamamos essa esfera de mobilização de sentido de gênero da atividade. Nesse caminho, retomando o estudo de uma esfera de atividade concreta, a consulta clínica, buscamos refletir sobre as possibilidades de compreender e demarcar as relações do gênero da atividade com o gênero do discurso.

3. Gêneros do discurso e esferas de atividade

Nos estudos do Círculo Bakhtin/Voloschinov/Medvedev, o gênero é uma noção complexa que pode ser formulada diretamente como “*o repertório das formas de discurso na comunicação sócio-ideológica*” (Bakhtin/Volochinov, 1929/1992) ou indiretamente como um caminho a partir da atividade: cada esfera de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis” de enunciados, que podem ser identificados como gêneros discursivos (Bakhtin, 1952/1953-1992: 279). Como a atividade humana é virtualmente inesgotável, a variedade e a heterogeneidade dos gêneros orais e escritos comportados nas esferas de utilização são infinitas, mas passíveis de ser captadas em suas particularidades. A concepção Bakhtiniana de análise do discurso (metalingüística enunciativa ou translingüística) ajuda a mapear as especificidades mais ou menos estáveis de um gênero, que residem na corporificação de três elementos discursivos: a estrutura composicional, o estilo e o tema, fundidos no todo do enunciado na esfera de utilização da língua.

Retomando a noção de gênero, Brait (2001: 06) afirma: “o gênero discursivo diz respeito às coerções estabelecidas entre diferentes atividades humanas e os usos da língua nessas atividades”. A autora materializa a tendência atual dos estudos de linguagem em situação de trabalho que vinculam atividade concreta com o uso da língua. Ao considerar as diversas

concepções de gênero do discurso, percebemos que o discurso oral é tomado como a gênese do gênero e, desse ponto de vista o lingüista francês Daniel Faïta assinala a especificidade de que Bakhtin estuda a atividade, os domínios da atividade (Faïta, 2002), no diálogo cotidiano, mas tendo em vista o texto literário que ele submete à análise e não em um conjunto de textos, orais e escritos, produzidos numa esfera de atividade particular. Todavia, tal aproximação da oralidade não implica automaticamente englobar, do ponto de vista da produção do discurso oral, a metodologia apropriada para estudar o papel da atividade.

Os exemplos de textos orais que Bakhtin analisa se referem a esferas de atividade humana, mas são trabalhados sob a perspectiva construída pelo processo de análise dos textos escritos. Por um lado, não questionamos que a noção de gênero de discurso para Bakhtin esteja impregnada de atividade, mas estamos certos de que a materialidade do texto escrito em gênero literário (secundário), que serviu as análises concretas de Bakhtin, não lhe permitia falar explicitamente em um gênero concreto da atividade (gênero primário)¹⁹. Por outro lado, nas pesquisas que se dedicam aos textos orais em situação concreta de trabalho, utilizando-se, para as análises, das noções bakhtinianas de gênero, tem-se dificuldade de objetivar a extrema diferença do estatuto do objeto texto observado na situação de trabalho. A tendência é fazer referência aos ditos sobre o trabalho advindo de questionários e entrevistas, seja a partir de “dados” e tabulações objetivistas ou de interpretações subjetivistas.

Filiados à vertente do plurilingüísmo dialógico – que na confrontação como objetivismo abstrato e com o subjetivismo idealista se institui como uma vertente translingüística materialista – os análistas do discurso na situação de trabalho tem buscado compreender o sentido no cruzamento da atividade com a sua representação discursiva. Desenvolvendo a problemática do dialogismo e preocupado com o papel da lingüística nas pesquisas em ciências humanas, Faïta (2002) elabora a tese de que a linguagem participa de toda atividade e que, em retorno, a atividade lhe imprime as configurações e as transformações ligadas ao desenvolvimento histórico de toda forma de ação. Vemos, nessa formulação, a possibilidade de engajar uma compreensão de gênero da atividade que, mesmo

estritamente ligada aos gêneros do discurso, apresenta independência funcional nas estabilidades da ação, ou seja, uma dupla via de funcionamento dos sentidos, sem que o plano de um gênero englobe hierarquicamente o espaço do outro gênero.

Desse ponto de vista, não é de se estranhar que os estudos de situação de trabalho, que se baseiam sobre textos orais construídos na esfera da atividade de trabalho (não apenas na esfera de utilização da linguagem na atividade), explicitem a existência de um gênero da atividade. Entretanto, se ainda não fica claro qual seria o estatuto do gênero da atividade em relação ao gênero do discurso, essa dificuldade decorre do processo de desenvolvimento em que se encontram os estudos de análise do diálogo que se originam de uma demanda social, a exemplo das análises do trabalho que se utilizam dos métodos de autoconfrontação na vertente da clínica da atividade²⁰.

Na visão do dialogismo da teoria bakhtiniana, a assimetria das atividades de produção e de interpretação dos enunciados, fundada sobre a não-univocidade da relação entre uma marca lingüística e sua interpretação, repousa sobre o fato de que os enunciados em línguas naturais são sempre ambíguos e de pluriacentuação. A interação em Bakhtin vai além do diálogo face-a-face englobando todo o processo de comunicação, escrito e oral, efetivo e diferente. Segundo ele, para alcançar uma possibilidade de interpretação verbal, é necessário mobilizar uma compreensão ativa e uma passiva como indissociáveis. Há uma tensão fundamental entre silêncio e voz (Bakhtin, 1952/1953-1992). O auditório (o ouvinte) é considerado fundamentalmente ativo em sua escuta, já que a escuta implica processos de construção do sentido e interpretação do que é percebido, o que dota o ouvinte de uma atitude responsiva ativa.

Tal proposta, de passar do estudo das formas lingüísticas ao seu emprego nas situações concretas, exige formas metodológicas criativas, que incorporam saberes de diferentes pesquisas e disciplinas, tendo em vista não apenas a dimensão psico-individual, mas também sua inserção na dimensão social. Entretanto, qualquer inovação metodológica não pode desconsiderar os esquemas de produção enunciativa passíveis de mapeamento, uma vez que é necessário trabalhar a materialidade do discurso.

Avançando na compreensão dos processos interativos como fonte de constituição de sentidos, as concepções “*construtivistas*” tomam a referência como o resultado de uma *atividade “cognitiva”* e/ou de um trabalho dos sujeitos falantes. Tal postura recorre a diversas vertentes de focalização do diálogo, do interacionismo simbólico e da etnometodologia e às teorias da enunciação e do dialogismo de Bakhtin. São abordagens distintas, que convergem no sentido de dar uma atenção especial e particular à construção do mundo social na e pela interação, e na categorização das situações sociais no discurso. Os estudos da interação, ao incorporarem o projeto de colocar em evidência a construção social do sentido na fala viva, situam-se numa problemática dialógica que leva em conta que o sentido dos enunciados não é algo dado, mas é produto de uma atividade de conhecimento.

O conhecimento, por sua vez, é encarado como a possibilidade de engajar-se numa esfera de atividade humana e como a competência de mobilizar as significações possíveis em um determinado gênero do discurso. Mobilizar temas e significações suportadas em um gênero do discurso representa uma economia considerável para o trabalho de explicitação dos sentidos na atividade (Bakhtin, 1952/1953-1984: 285). Entretanto, assumir o pressuposto de uma utilidade do gênero do discurso como fator de economia enunciativa (não é preciso dizer claramente para alcançar uma compreensão) implica o reconhecimento de uma dificuldade para os modelos de pesquisa que não levem em consideração o movimento dialógico engajado nesse funcionamento.

4. Gêneros do discurso e gêneros da atividade de consulta de AIDS

Em seu trabalho como “analista clínico da atividade”, Faïta (2000) utiliza a noção Bakhtiniana de gênero do discurso para designar os instrumentos sociais construídos por grupos, definidos eles mesmos em relação aos diferentes domínios da atividade. Esboça uma noção de “gênero da atividade²¹” conectada à de “gêneros do discurso” (Clot & Faïta, 2000) para dar conta de explicitar a presença de um gênero imediato das trocas verbais

que é, a um só tempo, histórico, subjetivo e referencial. Para o autor, a situação de diálogo não é somente um quadro no qual os sujeitos se confrontam e produzem os meios que fabricam a realidade social. A situação de diálogo também intervém e desenvolve estratégias e possibilidades, a partir dos gêneros da atividade e de discurso que ela detém.

Estudando a esfera de atividade de condutores de trem a grande velocidade (TGV), Faïta (1998) propõe que é possível tanto utilizar o gênero para interagir como interagir no gênero sem comunicar explicitamente. No primeiro caso, o de utilizar o próprio gênero para interagir, o autor insiste no fato de que, ao se escolher introduzir no diálogo um fragmento característico de um gênero diferente daquele que o interlocutor utiliza, essa ruptura responde tanto ao interlocutor como a qualquer coisa de outro. No segundo caso, o de que é possível interagir sem comunicar explicitamente, (Faïta, 2002), exemplifica que algumas situações de trabalho ou de regulação institucional reproduzem efeitos de seqüências de interação em que o lugar dos locutores, suas posições discursivas, se condensam em papéis conforme o que se deve dizer, fazer e calar. Não ocorre uma reinterrogação dos atos relacionada com a evolução do contexto global que é perceptível apenas nas suas contradições com as situações concretas.

Em nosso trabalho de análise da atividade dos infectologistas partimos do pressuposto que a atividade médica, em geral, adota o gênero consulta clínica para desenvolver a sua atividade de trabalho. Este gênero caracteriza-se por organizar-se em três momentos: a anamnese (entrevista), o exame físico (manobras propedêuticas acompanhadas de questões para validar sinais e sintomas) e a finalização (pedidos de exames laboratoriais, prescrições, encaminhamentos). As três fases transcorrem lastradas por características interacionais e lingüísticas (Vieira & Cox, 1999) descritas exaustivamente por estudos etnometodológicos e sociolingüísticos²². Chama atenção que na situação que acompanhamos, esse gênero prévio não mais desse conta de desenvolver a produção de sentido entre infectologistas e pacientes soropositivos e doentes de AIDS. Nossos achados, apoiados pelo estudo do enunciado concreto, nos faziam repensar, juntamente com os protagonistas, sobre as mudanças operadas na situação real de enunciação.

Entendendo que a dimensão da atividade é determinante na estruturação da consulta como gênero da atividade, ampliamos a noção do gênero consulta e passamos a considerar suas características como demonstrativas da existência de um gênero de técnica (ou profissional), bem delimitado e utilizado como o espaço organizador dos processos de trabalho/atividade dos médicos com os pacientes seja em nível de ambulatório, de hospital, de consultório privado, de atendimento domiciliar, ou de outros espaços onde se possa repeti-lo e atualizá-lo. Consideramos, ainda, a possibilidade de tomar a consulta como gênero prévio, espécie de consulta típica, fundadora, na qual as fases modelo de anamnese, exame físico e finalização são reconstruídas e renormalizadas no espaço da atividade profissional com a função específica de possibilitar a ação do trabalho médico. Feita essa sistematização, procedemos à releitura do evento consulta médica, que representa o meio pelo qual o médico procede à organização da sua ação profissional, como um gênero de atividade.

Assinalamos que, operacionalmente, é importante considerar a diferença dos micro-gêneros implicados nos campos de estruturação dos gêneros da atividade e do discurso para, então, poder analisar as interdependências entre ambos, sob pena de colocar sempre como hegemônicos os níveis de significação que circulam no gênero do discurso. Dessa forma, quanto às maneiras de organizar as trocas questões-resposta, durante o exame-físico por exemplo, elas representam um microgênero específico, que deverá ser descrito a cada situação particular. Assim, o microgênero de questão e resposta, na consulta de soropositivos ou doentes de AIDS, assume diferenças concretas de continuidade em relação a outras consultas clínicas.

Para ilustrar como, numa análise dialógica, procedemos a confrontação dos textos produzidos pelos protagonistas (correlatos ao exame físico), passaremos a articular um olhar voltado para alguns níveis de circulação do *sentido de facilidade de tratamento*. Com esse propósito, destacamos abaixo quatro planos de circulação do sentido:

- a) nas entrevistas sobre a atividade de consultar, os médicos utilizam o discurso relatado de pacientes

- para dizer que não têm problemas de desenvolver essa atividade (significação dita de facilidade);
- b) nos relatos dos pacientes, sobre as consultas, o exame físico é tratado como o momento mais difícil de ser vivenciado (significação dita de dificuldade).
 - c) nos diálogos em consulta, observamos a dificuldade dos médicos em passar à fase do exame físico. Ocupam a maior parte do tempo na anamnese e, ao desenvolverem o exame, quando fazem perguntas para esclarecer os sinais físicos, os pacientes, em geral, retardam o encadeamento de uma resposta, são evasivos ou permanecem em silêncio;
 - d) nas notas de observação sobre o momento do exame físico, observamos descrições de paciente em postura corporal retraída ou com dificuldade em executar movimentos que ajudariam as manobras propedêuticas.

O assunto da facilidade de realizar o exame físico que é trazido no plano da verbalização dos médicos, embora esteja ausente dos outros três planos que trazem o tema da dificuldade, poderia ser tomado como a significação hegemônica, caso nos ativésemos a uma análise isolada dos ditos em entrevista. É dessa armadilha que escapamos, quando articulamos e confrontamos uma parte, mesmo que pequena, da rede dialógica das significações e compreendemos que o assunto da facilidade oculta a prática da dificuldade. Chamamos esse trabalho com os diversos planos de circulação do sentido organizados como dispositivo de análise, de autoconfrontação enunciativo-discursiva. Trata-se de uma análise dialógica dos textos produzidos pelos protagonistas que depende basicamente de um trabalho do analista do discurso em fazer dialogar os materiais transcritos da oralidade e os demais escritos, notas de observação e normas do trabalho, tomando como ponto de ancoragem o uso das citações associado à inscrição dos sujeitos enunciadorees no auditório social.

A análise discursiva dos diversos níveis de produção de sentido permite desenhar a significação, não apenas no plano verbalizado pela fala (pelo projeto discursivo), mas também

através dos não ditos, dos interdiscursos, dos projetos por fazer, ou seja, nos sentidos possíveis à atividade. Tal abordagem desenha o sentido na esfera específica de um gênero da atividade associado aos gêneros do discurso.

5. Como compreender a atividade e o discurso na clínica da AIDS

No nosso entendimento, a questão do gênero da atividade apresenta uma problemática que pode ser aproximada à própria discussão das relações entre gêneros primários e secundários, que encontramos desenvolvida nos estudos do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. Os gêneros primários são indissolúvelmente confundidos com a atividade, já que eles formam sua substância nas trocas verbais ao mesmo tempo em que guiam sua progressão a partir dos diálogos, encadeamentos e rupturas, dos quais os interlocutores se utilizam. Os gêneros secundários, com sua vocação à “generalização”, à tomada de distância da realidade concreta, suportam os diferentes processos de abstração, conceitualização, metadiscursividade etc. e são, de qualquer forma, a emanção dos primeiros no funcionamento e na circulação dos quais eles procedem. A relação entre gêneros primeiros e segundos é, então, de continuidade fundada na distensividade das trocas verbais que, verdadeiramente, não começam jamais e nunca se terminam sem ser uma questão de progressão do simples para o complexo tanto em um sentido como no outro (Vieira & Faïta, 2003).

Frederique François considera que a dificuldade de definir os gêneros é constitutiva da noção mesma, mas também que “*la circulation même du sens n’est pas tant une circulation des représentations qu’une circulation des genres*” (François, 1998: 113). Nesse sentido, observamos que o trabalho da confrontação na clínica da atividade, mesmo não podendo escapar da análise dos textos (registros orais, registros de imagens), sejam os produzidos na própria atividade (o diálogo entre protagonistas e a atividade), sejam os produzidos na confrontação (o diálogo com os textos, com a imagem, consigo mesmo, com os colegas de trabalho), vai mobilizar uma circulação de gêneros. Se, por exemplo, o trabalho da confrontação se estabelece numa dupla

via de textos (concentrados tanto em uma esfera de produção da atividade quanto em um processo de reflexão sobre a atividade), produz-se uma autoconfrontação e a complexidade da circulação do sentido escapa da focalização exclusiva da representação e estabelece um novo objeto “genérico” de retomada do sentido.

O novo objeto, a gênese de uma *atividade sobre uma atividade*, ou seja, o condensado dos ditos e feitos numa situação concreta e os comentários sobre a atividade que esses ditos e feitos desenvolvem (nas autoconfrontações) representa uma réplica distorcida da relação que unia os ditos e os comentários na situação concreta, mas em um sentido inverso do que mostrava o romance polifônico (plurivocal), composto de conversação cotidiana. No romance, os diálogos cotidianos organizam os diferentes processos de consciência pelo suporte escrito. Nas autoconfrontações, os próprios modos de operar fala, pensamento e linguagem se mobilizam no suporte vivo do funcionamento dialógico de um gênero (no caso, o próprio gênero em desenvolvimento). Dessa forma, o objeto confrontação desce mais ainda na escala de explicitação estilística dos sentidos (gênero secundário, gênero primário), mostra não ditos, significa sem verbalizar e produz efeitos de sentido fora da palavra, materializando, enfim, um gênero mesmo da atividade.

Ao tempo em que emerge o gênero do discurso do atendimento clínico à pacientes de AIDS, marcava-se a existência de um gênero da atividade de consulta de AIDS, impregnado de gêneros secundários e primários, baseados em outros tipos de atividades de consulta clínica. Nesse momento de transição para a estabilização parcial das novas referências, era esse gênero da atividade, apesar dos rumos instáveis do sentido, que assegurava a realização do objeto do trabalho cotidiano com a AIDS.

6. Gêneros da atividade e esferas discursivas

Formalizamos nossa proposição de que o gênero da atividade pode ser compreendido numa rede de inter-relacionamento do funcionamento genérico – gênero secundário, gênero primário, gênero da atividade – e passamos a uma reflexão de que a metodologia da autoconfrontação, ao buscar analisar o desenvolvimento da produção dos textos, possibilita a exposição,

de forma exemplar, de dois campos de visão até então filtrados pela análise de textos escritos em gênero secundário. Ao analisar textos produzidos em um gênero da atividade, o primeiro campo aberto a novos olhares é o das relações entre produção de estilos de agir e de estilos discursivos. O segundo campo, mais sutil, pois necessita que o pesquisador disponha dos meios para ampliar sua visão mais imediata dos estilos, é o das relações entre atividade e discurso: o estudo da consciência. Lembramos ainda, que Bakhtin compreende o pensamento a partir do diálogo como unidade real da língua que atualiza constantemente, nas esferas de atividade humana, uma consciência eminentemente social:

Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivos-psicológicos passageiros e fortuitos que se passa na "alma" do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua (Bakhtin/Volochinov, 1929/1992: 146)

Mesmo se concordamos com os pressupostos bakhtinianos de que a unidade real da língua é o diálogo inacabado, que o estudo do diálogo passa por uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem e refratam as tendências básicas e mais ou menos constantes da recepção ativa do discurso de outrem, não podemos nos esquivar de esclarecer o papel da concepção de pensamento que se enlaça à concepção de linguagem quando Bakhtin fala de consciência e de discurso interior. Esse é o diferencial que nos dará a possibilidade de saber ler o documento mapeado pelo uso das citações de outrem

apoiadas nas tendências sociais estáveis que se manifestam nas formas da língua (gêneros do discurso) e também sobre os processos intersubjetivos-psicológicos *não fortuitos e passageiros*, que podemos mapear atualmente como processos ergológico-psicológicos mais ou menos estáveis (gêneros da atividade) que também se manifestam nas formas da língua. Em outras palavras, para operacionalizar uma reflexão dialógica numa pesquisa da atividade, é necessário pelo menos aventar a possibilidade da existência de uma prática linguageira a serviço de um gênero da atividade.

Nosso entendimento da postura de Bakhtin (1952/1953-1992), que aparece no ensaio “O problema dos gêneros discursivos”, é que ele considera que a língua é diferente de atividade, embora estejam em constante relação. A forma como a questão é colocada considera que *“todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana”* (Bakhtin, 1952/1953-1992: 279). Se Bakhtin não chega a falar de gênero de atividade, também em algum momento afirma que só poderia haver gênero de discurso. Compreender que gênero do discurso é igual a gênero da atividade é incorrer no mesmo raciocínio simplista de igualar pensamento e linguagem. Tal como a linguagem e o pensamento têm raízes diferentes e, em algum momento do desenvolvimento, se encontram e um não se desenvolve sem o outro (Vygotsky, 1930/1987), assim ocorre com o gênero da atividade e com o gênero do discurso.

De forma prática, por exemplo, se como pesquisador contemporâneo decidimos estudar uma situação de trabalho utilizando no momento de uma análise mais fina a entrada operacional do discurso citado em Bakhtin, o deslocamento que precisamos fazer não é apenas de ajuste de um estudo que olha textos literários para outro que olha textos e atos cotidianos do trabalho, mas de reflexão profunda das implicações da compreensão dos diversos tipos de citação do ponto de vista de uma sintaxe do discurso que pinça o discurso interior, por exemplo, como uma possibilidade de marcação do sentido pela enunciação citada (o estudo a partir do romance), e outra que, analisando o próprio fluxo do pensamento num momento de

reflexão sobre uma atividade, vai marcar a linguagem como objeto de manipulação da ação (o estudo do gênero da atividade). Como afirmava o próprio Bakhtin, ao estudar os esquemas sintáticos de transmissão do discurso de outrem, o que interessa é “*exclusivamente o aspecto metodológico da questão*” (Bakhtin/Volochinov, 1929/1992: 156) e, no nosso caso, é a resposta a uma construção metodológica que se apóia, em primeiro plano, nos atos e textos orais do diálogo inacabado (Vieira, 2003). Vejamos a proposta bakhtiniana:

Estamos bem longe, é claro, de afirmar que as formas sintáticas – por exemplo as do discurso direto ou indireto – exprimem de maneira direta e imediata as tendências e as formas da apreensão ativa e apreciativa da enunciação de outrem. É evidente que o processo não se realiza diretamente sob a forma de discurso direto ou indireto. Essas formas são apenas esquemas padronizados para citar o discurso. Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem; além disso, na medida em que esses esquemas assumiram uma forma e uma função na língua, eles exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das tendências da apreensão apreciativa, cujo campo de ação é justamente definido por essas formas. (Bakhtin/Volochinov, 1929/1992: 147)

Consideramos produtivo, do ponto de vista do avanço de compreensão dos sentidos circulantes em uma esfera da atividade, proceder ao estudo das especificidades da sintaxe do discurso citado. Entretanto, no nosso caso de enunciados produzidos diretamente na atividade, não podemos pretender que os esquemas encontrados representem uma forma e uma função estabelecidas na língua, uma vez que eles não mostram somente as tendências estabilizadas de apreensão do discurso de outrem, mas sim os usos que estão acontecendo, limitados às formas sintáticas possíveis de se mobilizar em um campo de ação específico. Se essas formas se estabelecerão nas formas da língua ou não, é uma questão que foge aos limites do estudo

dessas formas na atividade, posto que, as estruturas de citação observáveis em uma atividade poderão ou não assumir um perfil de utilização inscrito no nível de um funcionamento mais global da atividade, um gênero da atividade, ou mesmo, da língua, um gênero do discurso.

7. Encaminhando uma retomada das noções de gênero(s)

Respondendo à necessidade de formalizar uma possibilidade de compreensão das relações conceituais entre gênero da atividade e gênero do discurso, que nos foi imposta pela análise enunciativo-discursiva de uma esfera da atividade humana, a clínica da AIDS, propomos que essa tensão entre campos de significação seja pensada como um contínuo que, desenhado num dispositivo didático, pode ser visualizado no espaço virtual entre um pólo da atividade propriamente dita, um pólo da atividade em curso de representação e um pólo da representação da atividade. O primeiro pólo está mais próximo ao gênero da atividade; o segundo, a um espaço de transição entre o gênero da atividade e os gêneros primários e o terceiro, estaria mais afeito ao gênero do discurso, entendido aqui como o espaço de aprofundamento das relações de circulação de sentido entre os gêneros primários e os gêneros secundários.

Evidentemente, as relações entre esses pólos na vida são muito mais complexas, interdependentes e variáveis do que deixa transparecer o nosso dispositivo didático, organizador da nossa proposição. A idéia central mobilizadora desse desenho está em formalizar uma distância entre gênero da atividade e gênero do discurso que é mediada permanentemente por um espaço dialógico de contato, o pólo da atividade em curso de representação, cuja função é mobilizar temas e significações no encontro da atividade e do discurso, sendo, portanto, o espaço privilegiado para observar as relações de produção de ação e significação.

Nossas reflexões retomaram uma questão chave levantada pelo círculo bakhtiniano: *Qual é, portanto, a relação que liga o horizonte extra-verbal ao discurso ele mesmo, o não dito àquilo que é dito?*, buscando articular uma possibilidade de resposta ao vincular a análise do trabalho na esfera da atividade

a um processo metodológico que se coloca no centro da questão da generalização para estudar a reelaboração do significado. Com a autoconfrontação dialógica entre discurso e atividade, objetivamos uma via operacional para aceder à questão da significação numa situação concreta, construindo, na atividade, um dispositivo que liga o horizonte extraverbal ao discurso ele mesmo.

Agradecimentos: ao Professor Daniel Faïta, pelos nossos diálogos temáticos que tanto contribuíram para avançar as reflexões quanto ao gênero da atividade e ao Professor Yves Clot, por nos acolher na equipe da *Clinique d'activité*, no ano de 2001.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. (VOLOCHONOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: M. Lahud e Y. F. Vieira. Prafácio de R. Jakobson. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. (1952/1953). *Esthétique de la creation verbale*. Paris: Gallimard (1979), 1984.

BAKHTIN, M. (1952-1953). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BRAIT, B. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. Documento de trabalho (Projeto integrado As práticas de linguagem e a construção do sujeito e da Identidade em situação de trabalho), mimeo, 2001, 12 p.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. Genre et style en analyse du travail, concepts et méthodes. *Travailler*, n. 4, p. 7-42, 2000.

CLOT, Y; D. FAITA; G. FERNANDEZ; L. SCHELLER. (orgs.) Clinique de l'activité et pouvoir d'agir. *Education Permanente*. Genève, v.1, n. 146, 2001.

FAÏTA, D. Oubli et redécouvert de Bakhtine. In: *Après le structuralisme*. Aix en Provence: Publications de l'Université de Provence, 1998, p. 127-138.

FAÏTA, D. Genres de Discours et Genres d'activité. In: *Linguistique et Analyse de l'activité: le point sur une évolution historique*. Série de très conférences realizadas no PEPG/LAEL - PUCSP, São Paulo: mimeo, 2000.

FAÏTA, D. Analyse du dialogue et demande sociale: comment l'intervention sur un domaine d'activité mobilise des hypothèses linguistiques. *Revista da ANPOLL*. São Paulo: USP, 2002, por publicar.

FAÏTA, D & VIEIRA, M. Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée. *Revista Delta*. São Paulo, vol. 19, n.1, 2003, p. 123-154.

FRANÇOIS, F. *Le Discours et ses entours: essai sur l'interprétation*. Paris: L'Harmattan, 1998.

VIGOTSKY (1930) *A formação social da mente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VIEIRA, M. & COX, M. Inês P. Um ensaio sobre os processos de figuração da face na interação entre médico e paciente com HIV/AIDS. *Revista Intercâmbio*, vol. VIII, S. Paulo: LAEL/PUC, 1999, p. 342-352.

VIEIRA, M. *A interação entre médico e paciente com HIV-AIDS em ambulatório de Hospital Escola (efeitos de sentido que circundam o tripé AIDS/sexualidade/morte)*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Pública - linha de Linguagem, Educação e Sociedade) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

VIEIRA, M. *A atividade o discurso e a clínica: uma análise dialógica do trabalho médico*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem) - LAEL - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VIEIRA, M. Autoconfrontação em clínica da atividade: metodologias de análise dialógica de situações de trabalho. *Rev. Intercâmbio*. São Paulo: Educ, vol. XII, 2003, p. 259-271.